

## **AS MEMÓRIAS DE UM SENHOR BRITÂNICO SOBRE SUA INFÂNCIA NA COLÔNIA ASSUNGUY (PARANÁ), INGLATERRA E CANADÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: MIGRAÇÕES, MEMÓRIAS E IDENTIDADES.**

ANA MARIA RUFINO GILLIES\*

Este texto tem como objetivo principal discutir as memórias escritas pelo Sr. Albert Burton Tigar em 1951 em Vancouver, no Canadá, sobre sua vida de menino e jovem imigrante. Filho de imigrantes ingleses, nasceu na Colônia do Assunguy, no Paraná, em 1874. Quando ele contava seis anos de idade, seus pais decidiram re-emigrar e, após breve passagem pela Inglaterra, foram para o Canadá, onde chegaram em 1881. Lá ele ficou até sua morte na década de 1950.

Tomamos como pressuposto que, ainda que a narrativa do Sr. Albert tenha sido articulada por ele, suas memórias representam uma seleção das suas próprias lembranças, pano de fundo sobre as quais se assentaram outras, que circularam entre os membros de sua família, a partir de uma certa representação de si, acrescidas de dados coletados de outros grupos mais amplos com os quais conviveram, bem como da história escrita. Ou seja, a totalidade resultante, ainda que não a totalidade dos fatos, é fruto de um trabalho e de um processo social (HALBWACHS, 1990:25-27).

O Sr. Albert escreveu suas memórias organizando-as no tempo e no espaço, a partir de 1874, quando nasceu e viveu no Brasil até os seis anos de idade, passando pela Inglaterra no ano de 1880, até chegar no Canadá em 1881, onde cresceu, tornou-se adulto e, eventualmente, seguiu seu próprio caminho.

Suas lembranças são pautadas tanto por um tempo real, individual, quanto por um tempo social, coletivo, mas também cíclico, o tempo implacável das estações, das chuvas, enchentes, frio, neve, seca. Tempo vivido no espaço de três continentes diferentes: o da exuberância primitiva da mata brasileira; da beleza planejada das confortáveis mansões inglesas, e da hostilidade gelada do solo e do clima canadenses.

Cada sociedade recorta o espaço a seu modo. Ao reconstruir suas lembranças, não há como fazê-lo senão com relação com um lugar, isto é, uma parte do espaço, aparentemente estável, no interior dos quais elas foram encerradas e podem ser

---

\* Doutora em História pela UFPR-Universidade Federal do Paraná; ex-professora na UNICENTRO e FAP; atual professora em escola da rede pública em Curitiba, PR.

localizadas (HALBWACHS, 1990:132-160), “velhos lugares, inseparáveis dos eventos nele ocorridos” (BOSI, 19\_\_ :365).

Entre o labor e o sonho, cada tempo e cada espaço de sua experiência de vida porta um diferente teor afetivo. Sua infância, por exemplo, é lembrada, pode-se dizer, como o tempo da felicidade, “mítico, heterogêneo, mágico” (BOSI, 19\_\_ :356-357). Não que ele assim o tenha denominado claramente, mas são agradáveis as emoções que perpassam seu relato, diferentemente da vida árdua no Canadá quando ele já tinha idade para passar de audiência para partícipe, sofrer com os demais as angústias, ansiedades, incertezas e repartir com os adultos a lida diária.

É possível levar em consideração as lembranças de uma criança sobre sua primeira infância, principalmente quando tantas outras fontes utilizadas pela história constatarem que a vida na Colônia do Assunguy não era nada amena como a apresenta o Sr. Albert?

Argumentamos a favor de sua utilização. Segundo Halbwachs (1990:38-42), as lembranças da primeira infância são, na verdade, eventos ocorridos no seio da família e ali preservados, recontados inúmeras vezes. “A história da família é fascinante para a criança. Há episódios que gostamos de repetir e reconstituí-lo é transmitir a moral do grupo, gravar uma atitude símbolo (BOSI, 19\_\_ :345).

Se é verdade que a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é à nós próprios, também é verdade que, nesta prática, nunca estamos sós, mesmo que tenhamos sido aparentemente o único partícipe de uma cena que nos lembramos, a lembrança sendo “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 1990: 71-72). Não só o fato terá sido preservado pelo seu contínuo evocar, como também ao tentar revivê-lo, sendo sempre presente o tempo da rememoração, o fazemos informados de dados, impressões, interpretações adquiridos posteriormente e dos comentários suscitados por aqueles com os quais compartilhamos o ato de lembrar (BOSI, 19\_\_ 344).

Mas o Sr. Albert sabe disso, e revela já nas páginas iniciais que lhe contaram que ele nasceu às 8 horas da manhã na Colônia do Assunguy, Província do Paraná, interior do Brasil. Trazido ao mundo pelas mãos de um doutor belga<sup>1</sup> e sua esposa,

---

<sup>1</sup> O imigrante belga que ele cita, Renaudin, de fato morou na Colônia do Assunguy, mas nos registros existentes no Arquivo Público do Paraná apenas consta sua atuação temporária como responsável pela farmácia da colônia. Não é conhecida sua formação profissional, e não se sabe se ele possuía

grandes amigos da família, ele teria chegado aos berros, como se para escapar das tradicionais palmadas. Teriam ainda lhe contado que ele era tão franzino, um embaraço, e por isso o deixavam num quartinho dos fundos para que as visitas não o vissem<sup>2</sup>.

Ele constrói sua narrativa intercalando, ora com humor, ora com tristeza, um pouco do que lembra, com um pouco do que lhe contaram com outro tanto de história<sup>3</sup>. Sobre o substrato individual, a construção de suas memórias é um processo social, do qual participa um grupo mais amplo, responsável, então, pela sua preservação.

Memórias individuais e memórias coletivas, aqui tomadas como referencial de fonte para a escrita da história, elas estão inscritas, além do espaço privado da casa, da aldeia, da pequena comunidade, num espaço geográfico de três continentes: da Colônia do Assunguy, hoje Cerro Azul, a 100 km de Curitiba, para a Inglaterra e finalmente Canadá.

Por que o Sr. Albert escreve suas memórias? Dactilografadas por sua neta na década de 1950, Arlene McLaren, Professora de Sociologia da Simon Fraser University do Canadá, elas totalizam 121 páginas, as quais supomos copiadas de um manuscrito (escrito em inglês e ainda não traduzido para o português) o que implica um imenso trabalho, disciplina e determinação.

Segundo o Sr. Albert, ele não teve intenção de escrever uma biografia de sua família, mas uma “exposição fiel das vidas de uma família pioneira nas pradarias canadenses” para onde foram no ano de 1881. Ele explica ainda que tentou o quanto pode “demonstrar o mais claramente possível, ano a ano, as várias estações, e as espécies produzidas para mostrar às futuras gerações as provações e sofrimentos pelos quais tiveram que passar os colonos fazendeiros naqueles anos de escassez, quando as

---

qualquer qualificação que lhe garantisse o título de doutor.

<sup>2</sup> “... at that precise moment I was ushered into the world and the “usherer” was a certain, countly, kindly old Belgium Doctor, by the name os Renadine, and he and Madame, his lady wife were some of our best friends.... My mother told me afterwards, I was such a miserable scrawny little wretch and though she did not use those words, I have supplied them myself. ...” *The Tigar Memoir*, p.

<sup>3</sup> Na página 4 de suas Memórias ele diz que o Brasil, à época em que seu pai aqui chegou, era governado por um imperador, da casa dos Bragança de Portugal, com o título de Pedro Segundo – *um monarca de larga visão e grandemente instrumental na libertação dos escravos*. Diz ainda que o Governo Brasileiro da época estava oferecendo grandes oportunidades a pessoas de origem européia, principalmente britânicos, para se estabelecerem no Brasil e que muitos ingleses aproveitaram essa oportunidade para adquirir terra barata e tornarem-se fazendeiros.

colheitas eram um verdadeiro fracasso por causa das secas, granizo ou geadas, bem como pelas perdas causadas por animais roedores nos distritos recém estabelecidos”<sup>4</sup>.

Na reconstrução de suas memórias, ele revela um cuidado minucioso com determinados detalhes, do preparo da terra à construção das moradias. Segundo sua neta, tamanho interesse deu-se em função de ele ter sido carpinteiro. Também deve ter-se valido de outros referentes além de livros de história, talvez de jornais e outros guardados até então não sistematizados nos seus arquivos pessoais: fotografias, cartas, anotações – artefatos da memória pondo em destaque ora um ora outro acontecimento ou personagem -, dados tomados no presente para a reconstrução de um tempo por demais longínquo no passado<sup>5</sup>.

Relembrar é uma ação dinâmica: aquele que lembra está sempre no presente quando olha para o passado; mas esse presente, estando em constante mutação, nutre o memorialista da utensilagem que o cerca, amadurecendo-o, incorporando nele novos elementos para interpretação dos acontecimentos, os quais, re-contados, serão sempre feitos à luz dessas influências as quais quem lembra não tem como evitar.

Não sendo, como o desejaria o senso comum, possível lembrar um fato “exatamente como ele aconteceu”, uma vez que, entre os partícipes, presentes materialmente ou não, cada um o perceberá de um ângulo, diz-se que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha...” (BOSI, 19 :2), ou que “cada memória é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990:51).

Nesse sentido, as lembranças do Sr. Albert e de sua família sobre o Assunguy - considerando inclusive o fato de eles terem permanecido lá apenas 6 anos para então irem viver em condições ainda mais precárias-, devem divergir das lembranças de

---

<sup>4</sup> *“This is not intended to be a biography of my family and myself, but a faithful exposition of the lives of a pioneer family on the Canadian prairies, and as we came to Manitoba in 1881 I think we can well claim to be pioneers ... I have tried as nearly as possible to outline year by year, the various seasons, and the crops grown to show future generations the trials and hardships settlers had to put up with in some those lean years when crops were an entire failure by drought, hail or frost not to mention the loss by gophers in newly settled districts.”*

<sup>5</sup> Conforme Halbwachs (1990:72), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. ... Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização. ... a parte do social ou, se o quisermos, do histórico em nossa memória de nosso passado, é muito maior do que pensávamos porque temos, desde a infância, muitos meios de encontrar e precisar muitas lembranças que, sem estes, as teríamos, em sua totalidade ou em parte, esquecido rapidamente”.

outros indivíduos ou famílias que ali viveram. Quem lembra e quem conta o faz a partir de uma dada topografia; influirá no testemunho o lugar que ocupa o indivíduo e o grupo, lugar que muda segundo as relações que mantêm com outros meios. No caso do Sr. Albert, é possível que os seus familiares e amigos fizessem parte da elite da Colônia do Assunguy (MARSHALL, 2005: 149-170; 289-294).

Desejamos, com isso, iniciar a apresentação das memórias do Sr. Albert sobre a colônia do Assunguy, seguidas dos registros sobre a mesma preservados nos acervos públicos e utilizados na escrita da história. Depois de registrar sua passagem pela Inglaterra, comentaremos sobre sua vida de rapaz imigrante no Canadá, enfatizando seu valor para a história tendo em vista representar a trajetória possível de milhões de crianças e jovens migrantes do século XIX e, quem sabe, de períodos posteriores. Concluiremos com uma reflexão, à luz de estudos consagrados, sobre os temas da memória individual, coletiva e da história, e o papel dos velhos avós como guardiões da memória.

### **A primeira infância no Assunguy de acordo com as Memórias do Sr. Albert (1874-1880)**

Do que se lembra o Sr. Albert? Lembra-se que, apesar de nascido francês, ele sobreviveu, e logo passou a engatinhar para todos os cantos, encontrando, assim, sua primeira aventura nos trópicos, e que poderia ter sido fatal para sua vida: sua mãe trabalhava num cômodo ao lado da cozinha quando, ao virar-se, deparou com uma enorme cobra venenosa, que Albert acredita ter sido uma *Jaracea*<sup>6</sup> preparando-se para dar o bote nele. A mãe, em vez de gritar, conta Albert, *como teriam feito outras mulheres*, correu para o lado de fora e chamou o marido que, munido de um facão, partiu-a, a cobra, em dois, como lhe teriam ensinado os brasileiros.

A respeito do incidente, o Sr. Albert conta que era muito comum que, quando aproximava-se o inverno e os fins de tarde ficavam mais frios, se as portas fossem deixadas abertas, a luz interior atraía as cobras, que se escondiam atrás de portas, armários ou caixas para atacar os descuidados, e que era comum as famílias terem amônia e conhaque em casa para o caso de mordidas, ou levar estes conteúdos em frascos quando em viagem. Se mordidos, despejavam amônia sobre o local e bebiam

---

<sup>6</sup> Imaginamos que ele quisesse dizer Jararaca.

tudo o conhaque possível para absorver o veneno. Ele conta ainda que os brasileiros tinham uma superstição de que se alguém fosse mordido por cobra, sobreviveria se matasse o animal. Por conta disto, muita gente morria ao perder tempo procurando a cobra em vez de medicar-se.

De fato, a presença de cobras não era incomum e existem registros oficiais de mortes de colonos europeus, adultos e crianças, em consequência de seus ataques<sup>7</sup>.

Nessa primeira parte das Memórias, ele explica a origem de seu pai. Conta que ele foi marinheiro, tendo sido esta sua única habilidade, e a que o trouxe para a América do Sul e depois para o Brasil. Fora Tenente reformado da Marinha Real Britânica, mas antes tinha atuado como marinheiro de navios mercantes. Nessa categoria, recebia contratos para trabalhos além-mar. O Chile comprou dois navios de guerra do Governo Britânico com a condição de que estes fossem trazidos por oficiais e tripulação britânicos, os quais deveriam ainda operá-los como parte da marinha chilena. Tal exigência teria provocado protestos por parte de outros países da América Latina. Em consequência, os marinheiros britânicos foram dispensados, podendo voltar para a Inglaterra ou seguir seus próprios destinos. Foi o que fez o pai do Sr. Albert e um grupo de amigos, cruzando os Andes e vindo para o Brasil.

Com o desejo de estabelecer suas origens, explica, em seguida, a respeito de seus avós.

Segundo ele, seu avô, clínico praticante no St. John Ward, nos arredores de Londres, ao ouvir sobre a campanha migratória para o Brasil, ficou tomado pelo desejo de viajar e decidiu vender tudo o que possuía, emigrar para o Brasil e juntar-se à Colônia como médico<sup>8</sup>. Assim sendo, a família, composta do casal e quatro filhos<sup>9</sup>, entre os quais sua mãe, partiram da Inglaterra, acompanhados ainda de uma pessoa descrita por ele como muito importante, considerada como da família e que mostrou-se

---

<sup>7</sup> No dia 31 de março de 1869, por exemplo, morreu, em consequência de mordida de cobra, Elisa Burton, de 12 anos de idade, filha do colono inglês Frederick Burton, conforme fl. 53 do Livro de Registro da Colônia do Assunguy. Arquivo Público, Códices, Anexo IV, 07/08/0380.

<sup>8</sup> De fato, por um determinado período, ele atuou na colônia como tal, e aparece descrito como médico na relação de documentos preservados no Arquivo Público do Paraná sobre a Colônia do Assunguy. No entanto, foi dispensado da função sob a alegação de funcionários do governo imperial de que não havia provas sobre sua qualificação, os quais, inclusive, reteram o pagamento de muitas gratificações que lhe seriam devidas. O desgaste provocado por tal desgosto teria levado ao enfraquecimento de sua saúde e à sua morte em 1874.

<sup>9</sup> Esta informação não é precisa, mas isto não é relevante no momento.

muito amiga e fiel durante toda suas vidas: Miss Norman, que teria sido governante das meninas e que decidiu acompanhá-los<sup>10</sup>.

Munidos de um fogão americano e um harmônio<sup>11</sup>, transportados em lombo de mula ao longo de perigosas montanhas - o que só teria sido possível devido à “habilidade dos muleteiros brasileiros, graças aos quais acidentes raramente aconteciam”-, a família chegou à Colônia, ficando inicialmente instalada numa tenda para posteriormente escolherem um terreno e construir sua casa. Ele explica que era fundamental ficar perto de um rio ou riacho a fim de garantir suprimento de água para o ano todo. Selecionaram uma área numa colina perto do Rio Turvo que, embora costumasse transbordar provocando grandes enchentes nos períodos de chuva, não os afetou.

Em seguida, veio a construção da casa, o plantio de um pomar e horta, o estabelecer-se.

Construir uma casa não era tarefa fácil. Ele relata que naqueles dias, não havendo serraria, todo o trabalho tinha que ser feito à mão, mas, sendo a mão-de-obra barata, seu avô contratou brasileiros – hábeis no uso do machado. As casas eram construídas de lascas de palmeira sobre base de madeira e presas com pregos ou um tipo de prendedores, etapas que ele descreve com apaixonado detalhe. No caso da construção da casa do seu avô, um diferencial, que teria chamado a atenção e gerado comentários na colônia: ele exigiu que fossem construídos cômodos separados, à maneira como estava acostumado na Inglaterra, diferentemente dos brasileiros cuja maioria não se importava, segundo Albert, em morar numa casa com apenas um grande cômodo. O resultado final teria sido uma casa tão grande a ponto de parecer uma verdadeira mansão, pelos parâmetros locais.

---

<sup>10</sup> Infelizmente não foi possível estabelecer a origem de Miss Norman e seu pertencimento social. Albert diz que ela era governanta, mas Caroline Tamplin, avó de Albert refere-se a ela ora como ‘Ju’, ora como ‘Aunt Ju’. Inclusive quando Caroline sai da colônia em 1880 e vai para Curitiba, deixa a filha mais nova, Alberta, aos cuidados de Miss Norman, que passa a ser a professora no núcleo do Turvo. Na colônia ela conheceu um conde francês, com o qual se casou mais tarde, em Curitiba. Segundo consta, o casal não teve filhos, mas adotou um menino. Um depoimento oral feito em 2011 por uma senhora da família Mason, hoje com 96 anos de idade, e que, quando criança, frequentou a residência do casal, lança mais perguntas que respostas ao instigante *mistério* Tamplin-Norman-Pinot Moira.

<sup>11</sup> E de ampla bagagem! Segundo relatórios e correspondências trocadas entre o diretor da colônia à época da chegada dos seus avós, eles trouxeram 18 baús e um piano, implicando em elevadas despesas de transporte. Como conseguiram permanece um mistério, uma vez que a estrada para a atual Cerro Azul só foi concluída no ano de 2006-7.

Em seguida, mais uma vez brasileiros teriam sido contratados para fazer a limpeza do terreno para acomodar cavalos ou mulas, único meio de transporte existente, bem como a formação de uma área para horta e pomar. Ao redor da área limpa, muito bosque, que supria as aves para o consumo de carne até que tivessem suas próprias galinhas e porcos.

Eventualmente chega o pai, que passa a freqüentar a casa do avô e fazer a corte à filha mais velha deste, com a qual acaba por casar-se. Seleciona, então, uma área ao longo do rio Jaqua, tributário do rio Turvo, a pouca distância da casa de seu avô, onde construiu uma moradia nos mesmos parâmetros que o sogro, embora não tão grandiosa.

Diz ele que, como de costume entre europeus, logo fizeram uma horta e pomar, inclusive com sementes enviadas da Inglaterra as quais, cresceram muito bem por causa do clima úmido e quente. Para proteger a área da invasão de bichos vindos da mata ao redor, seu pai plantou uma cerca viva de pés de abacaxi, cujas folhas espinhentas e cortantes dificultariam qualquer penetração.

A plantação de uvas e laranjas supria a família de frutas frescas e doces; limão para sucos nos dias quentes, milho para sustentar galinhas e porcos e como farinha para o pão e bolos; grama, pasto para o gado. Tudo isto demorou cerca de dois anos, mas a família e a propriedade passaram a ser auto suficientes, conta o Sr. Albert. Passaram e continuaram, porque mais tarde ele conta que de certa forma a vida que levavam não era desagradável, embora indolente e monótona. Tudo era barato e suas necessidades poucas além do que produziam, frutas e vegetais cresciam abundantemente e a natureza era farta e generosa. Eles não tinham ciclones, pragas de gafanhotos nem, que ele se lembrasse, chuva de granizo, terremotos ou marés altas, e, portanto, tinham “muito pelo que ser gratos”.

Mas se era assim, perguntamos, por que seu pai resolveu re-emigrar para o Canadá? Ele era marinheiro e em lugar nenhum consta que tivesse tido experiência no campo. No Brasil, ele, como outros colonos com dinheiro, puderam contratar brasileiros para executar todos os serviços que eles não sabiam ou não queriam fazer. Mas no Canadá isto não parece ter sido tão fácil, aliado, é claro, ao fator climático desfavorável. Talvez sua decisão de partir tenha sido inspirada mesmo pelo espírito aventureiro, nato ou adquirido, de quem torna-se marinheiro e passa anos de sua vida a vagar de porto em

porto; talvez fizesse parte do espírito do tempo navegar em busca das oportunidades que eram oferecidas noutros continentes mais jovens e ainda por serem desbravados e desenvolvidos; talvez tenham sido outras as razões.

Voltando ao Assunguy, o relato está repleto de descrições sobre como as coisas eram feitas e por quem, como a construção de assoalhos de barro ou argila, sobre o qual, depois de seco, eram espalhados tapetes e peles para tornar a aparência “mais civilizada”.

Ele explica que “tudo no Brasil naquela época, especialmente no interior, era quase tão primitivo quanto nos dias de Moisés”, como, por exemplo, o uso do monjolo para transformar milho em farinha, o uso de fornos de barro construídos do lado de fora das casas para assar o pão e do cará para fazer fermento. Mas, justifica, “*necessity is the mother of invention*”.

Observa-se um certo teor hierárquico, embora suave, permeando a narrativa sobre as relações de sua família e amigos com os brasileiros: o trabalho é masculino, a sociabilidade é entre “iguais”, tudo o mais é pautado pela condição europeia civilizada *versus* brasileira primitiva. Mas, não sendo tão suas quanto coletivas as lembranças que ele “tem” da primeira infância, tampouco seriam totalmente suas as noções hierárquicas que transparecem no relato.

De fato, nos Capítulos II e III de seu “*Memoir*” descreve a fauna e flora local e os métodos empregados pelos brasileiros, contratados por seu pai, para limpar os terrenos, fazer o plantio e depois a colheita. Surpreende a fartura, quando relatos feitos por imigrantes insatisfeitos ao cônsul britânico em 1874 contam da carência de alimentos e da impossibilidade de comer o que havia disponível e de como dezenas e dezenas de pessoas morreram de fome, principalmente crianças (MONUMENTA,1998: v.1, n.1). Decerto há um certo exagero tanto num extremo quanto noutro – quem conta um conto introduz nos fatos os acréscimos que julga necessário para mais impressionar leitores e ouvintes.

Depois de um terreno ser preparado pelo método da queimada, grãos de milho e de abóbora eram espalhados e cresciam rapidamente. Após colhidos e transportados por mulas portando cestos em suas laterais, o terreno era preparado novamente para o plantio de tabaco, feijão, banana, amendoim e cana-de-açúcar, cuja produção resultava

açúcar suficiente para consumo da família e para vender, além de fornecer o suco. Também contavam com grande variedade de batatas, e mate para o chá.

Além da quantidade e variedade de frutas cultivadas, havia as frutas nativas e frutas silvestres que podiam ser colhidas em volta da colônia, palmito e muitos tipos de banana, utilizada à época para fazer bolos, doces e farinha, além de servir de comida para os animais, alguns do mato, como pássaros e macacos.

Animais silvestres rondavam os lares. Alguns eram consumidos depois de assados, como o Tatu, o Porco-do-mato e mesmo alguns tipos de macacos – contaram-lhe que o sabor do rabo de certos macacos rivalizava o do rabo de boi, mas que ele não se lembra de ter experimentado tal iguaria. Outros espalhavam medo, como o Jaguar, que entrava nos terrenos em busca das galinhas, o Opossum (chamado de Raposa ou Gambá em Curitiba), a Puma, o Cougar – também chamado de Leão da montanha ou Leão de cara suja. Este último, o terror dos moradores e animais domésticos, matavam com facilidade vacas e burros, e por três noites visitou a propriedade de seu avô (a quem ele refere-se como Dr. Tamplin), o qual teve que contratar caçadores brasileiros que com seus cães bravios acabaram por conseguir afastar o animal para longe.

Finaliza a descrição da fauna e flora descrevendo que o Brasil é o lar de lindos pássaros: papagaios, periquitos, de plumagens vermelha, verde, azul, e o tucano, com um bico praticamente do seu tamanho, e também um outro pássaro, que fazia um barulho como um ferreiro batendo na bigorna, e um outro ainda chamado de maracanã porque seu canto parecia repetir esta palavra.

Seguem-se a essas, as descrições de natureza social: nascimentos, batismos, relações de parentesco e de amizades, mas num círculo restrito, que incluía, além de toda sua família, apenas os notáveis: os alemães von der Osten e os franceses Pinot de Mora, ambos nobres com títulos, os primeiros de Barão e os segundos de Conde<sup>12</sup>. Entre os ingleses, a família Mason, com quem uma das tias do Sr. Albert acabou por casar-se na idade adulta.

A propriedade de seus pais no Assunguy chamava-se *Riversdale*, e ele diz ter sido apelidado de “a praga de Riversdale” por ter sido uma criança muito ativa. Aos quatro anos de idade a família já tinha um acréscimo de mais dois irmãos, também

---

<sup>12</sup> Existem árvores genealógicas para comprovar essa assertiva por parte das famílias: a dos von der Osten, cópia em nosso poder; a dos Pinot de Mora, em poder do Sr. Fernando H., descendente e morador em Curitiba.

trazidos ao mundo pelas mãos do velho “doc” Renardine, como ele o chama - trabalho extra para sua mãe, com três meninos abaixo de 4 anos de idade. Ele sabia cuidar-se, diz, mas sua mãe pode contar sempre com a ajuda de uma vizinha brasileira casada com inglês, Mr. e Mrs. Hubie, bem como com seus irmãos.

As relações de vizinhança são descritas como surpreendentemente harmônicas<sup>13</sup> para um local onde havia grande diversidade étnica, onde habitavam pessoas oriundas de nações até tão pouco em guerra; mas Albert diz que havia um verdadeiro espírito democrático, valendo o axioma de um por todos e todos por um.

Segundo ele, mais tarde formaram-se panelinhas, pelo casamento entre famílias e seu isolamento e/ou pelo sucesso de uns que passaram a darem-se ares de superioridade. No entanto, no período que descreve, teria havido um espírito de harmonia prevalecendo por toda a colônia.

Teria contribuído para essa tranqüilidade o fato de que :

felizmente, para as pessoas de origem européia, a mão-de-obra era barata e os brasileiros bons trabalhadores, que entendiam profundamente suas tarefas e, assim, os colonos podiam ter um bom começo, ter suas casas construídas e seus terrenos limpados, uma vez que naquele clima tropical, pessoas brancas não conseguem fazer o trabalho que os nativos conseguem.

Como comentado anteriormente, relações, ou representações, pautadas por um diferencial de condição social, econômica e étnica. Conforme Halbwachs, quem lembra o faz a partir de um quadro social que delimita as impressões deixadas e as interpretações posteriores. É assim que, para o Sr. Albert, a harmonia na colônia estava assentada em que cada um ocupava o “seu lugar” no arranjo das coisas.

Instalada a família, seu pai também arranhou emprego junto ao governo como empreiteiro na construção de estradas, no que teria sido ajudado pelo seu treinamento naval e conhecimento de geometria; mas, eventualmente, cansou-se da dureza do trabalho e dos longos períodos que tinha que ficar fora de casa.

Tinham tudo o que precisavam, e assim sendo, o pai decidiu apenas cuidar de manter sua propriedade, animais e família. A vida era pacata. Segundo ele, era sempre verão, tudo podendo ser feito quando quisessem, não eram premidos pelo tempo a estar sempre se preparando para o inverno, como no Canadá. Os brasileiros levantavam-se ao clarear e, depois de uma pequena refeição com café ou chá e farinha, trabalhavam até as oito horas da manhã. O resto do dia era dedicado à *siesta*, e no fim da tarde trabalhavam

---

<sup>13</sup> As lembranças colhidas por Ecléa Bosi também estão “permeadas de bons vizinhos” (19\_\_ :353)

mais um pouco, “porque no Brasil escurece muito rapidamente, diferentemente do Canadá onde no verão há claridade até as dez horas da noite”. Com a escuridão, vinham os vaga-lumes, centenas deles, brilhando como diamantes, que as moças caçavam para enfeitar seus vestidos de noite em dias de festa.

À sombra das palmeiras brincavam as crianças: “a maior parte do tempo, vivíamos uma existência sem sobressaltos, e naquele país de abundância, o tempo de semear e de colher nunca cessa”. Tinham tudo, menos sal, e “naquela terra de verão perpétuo podiam dedicar-se ao que ele chama de *dolce far niente*”.

Mas, como nada dura para sempre, uma seqüência de acontecimentos dramáticos levou à partida da família. Não foi por escolha ou capricho que saíram do Assunguy; muito pelo contrário, deixaram o Brasil de coração partido.

Segundo conta Albert, o pai gostava muito de caçar e mantinha cães para isso. Um dia ouviu-os na mata latindo muito e pelos sons, seu pai deduziu tratar-se de um animal grande. De fato, era um veado. O pai pegou a espingarda e o chapéu e saiu em perseguição. Mas seu chapéu ficou preso num galho e ele não voltou para apanhá-lo continuando a perseguição debaixo de um sol tão quente que levou-o a contrair insolação, agravando uma antiga condição febril que ele contraíra anos atrás nas Índias Ocidentais.

Essa condição febril contínua levou ao rompimento de uma veia e a sangramentos pela boca. Segundo o relato, o pai foi tratado pelo “doc” Renaudin, além da infalível vizinha brasileira a Sra. Mason e da mãe. Nenhuma melhora resultando da aplicação de panos frios, o Sr. Renaudin proferiu a sentença de que o pai só sobreviveria em país de clima frio. Foi assim que, sem escolha, venderam tudo o que puderam e deixaram a colônia. Aos 37 anos e sem qualificações que lhe garantisse trabalho na Inglaterra, o pai sabia que ir para aquele país seria apenas um intervalo de passagem.

O relato da partida é carregado de emoções: a tristeza na despedida dos familiares, que nunca mais o Sr. Albert voltou a ver, intercalada com o êxtase infantil pela constante novidade de viajar do Assunguy para Curitiba, acomodado em um cesto preso à lateral de uma mula, cruzando montanhas, ora coberta de neblina, ora a céu aberto e sol radiante descortinando cenário de vegetação luxuriante, até chegar a ver, pela primeira vez, a milhas de distância, o mar. Não sendo a criança que escreve no

momento mesmo da experiência, mas o velho que reconstrói, configura-se aí o papel da família no trabalho de reconstrução e preservação dessa memória.

Em Curitiba, pernoitaram na casa da avó, Caroline T., que então, 1880, viúva, já se estabelecera naquele capital. De lá, na manhã seguinte, tomaram a diligência para o porto de Paranaguá, onde sobreviveram a uma noite abafada no quarto apertado de uma hospedaria, até, finalmente, na manhã seguinte, o embarque para o Rio de Janeiro. A partir de então o pai, no seu elemento, já começa a sentir-se melhor.

No Rio de Janeiro, ficam hospedados em casa de um amigo do pai, adido da Embaixada Britânica, localizada na parte alta da cidade e que, portanto, recebia a brisa refrescante do mar. Um alívio, porque a cidade baixa estava assolada pela febre amarela<sup>14</sup> e, por pouco, não ficaram detidos em quarentena.

Após alguns dias no Rio, em virtude de uma demora causada pelas autoridades brasileiras que, conforme Albert “sempre acreditam em deixar para amanhã o que poderia ser feito hoje e para quem a palavra favorita é *mañana*”, partiram para a Inglaterra no vapor *Guadiana*.

Nas páginas seguintes de suas *Memórias*, o Sr. Albert conta sobre sua maravilhosa passagem pela Inglaterra, seguida da vida no Canadá. Antes de tecermos comentários relativos a esse período posterior, faremos um intervalo para apresentar o Assunguy conforme as fontes existentes nos acervos nacionais e as pesquisas publicadas, documentos, portanto, de foro público.

### **A vida no Assunguy de acordo com fontes do acervo público**

A Colônia do Assunguy foi criada por Decreto Imperial em 1859 e inaugurada em 1860. Inicialmente destinada a imigrantes europeus, passou eventualmente a admitir a introdução de brasileiros, que tornaram-se maioria, seguidos de alemães, italianos, poloneses, ingleses, franceses, belgas, escoceses, portugueses, espanhóis.

Descrita como um verdadeiro éden durante as campanhas para atração de colonos na Europa, sua sobrevivência revelou-se difícil por razões de natureza

---

<sup>14</sup> Albert refere-se à beleza do Rio de Janeiro, aterrorizada por um pântano que abrigava o mosquito transmissor de febre amarela, um terror para os nacionais e mais ainda para os estrangeiros, menos resistentes a ela. Tanto que seu tio Fritz, filho da avó Caroline T., que saiu de Curitiba para ser cadete no Colégio Militar, morreu vítima desta doença antes de completar 20 anos.

administrativa, política, e financeira. Após emancipá-la, a partir de 1882 o governo imperial deixou de subvencioná-la.

As difíceis condições de sobrevivência levaram a uma incessante mobilidade e ao agravamento das relações dos colonos com as autoridades provinciais, principalmente ao longo da década de 1870, período em que toda sua família, avós e pais, já estavam morando na colônia. Foram anos difíceis, de revoltas e reivindicações; de intervenção diplomática e policial, dos quais foram protagonistas e testemunhas.

Os avós, sua mãe e irmãos dela chegaram em 1868; seu pai, por volta da mesma época. O ano de 1874 marca tanto o seu nascimento, no mês de abril, quanto o falecimento de seu avô, no mês de novembro. Depois da morte deste, sua avó, Caroline T., ainda permaneceu na colônia por mais seis anos: em 1875 foi nomeada professora da escola no núcleo do Turvo, mas, com a falta do marido e não podendo contar com os filhos mais velhos, um que morrera e outro que depois de casar deixou a colônia, mais as dificuldades para receber seu salário, então chamado de ‘gratificação’, seguida de outros fatores, como a partida da filha Kathy e seu marido e netos, inclusive Albert, para o Canadá, levaram-na a deixar a colônia e estabelecer-se em Curitiba, onde viveu de 1880 até data incerta trabalhando como professora de línguas, piano e pintura.

Viver no Assunguy não era fácil. Distante 100 quilômetros de Curitiba, não contava com uma estrada decente para circulação dos habitantes ou escoamento da produção, quer para a capital, interior ou litoral. Assolada por constantes chuvas e também sem a existência de pontes resistentes, ora ficavam isolados ora morriam afogados. Remédios eram escassos e inconstante a presença de médicos, função muitas vezes exercida pelo próprio diretor da colônia. Os colonos, contratados para trabalhar nas “obras públicas” de construção de estradas ou prédios públicos, frequentemente não recebiam pagamento pelo trabalho executado. Muitos são os relatos de insatisfação preservados no Arquivo Público do Estado. Muitos foram os que caminharam ida e volta até a capital da província para reivindicar, voltando de mãos abanando. Muito demorou para ser construída uma igreja católica e igreja protestante não havia, nem pastor. Estas falhas no sistema levavam a constantes revoltas, ora expressas em arruaças de bêbados ora em manifestações razoavelmente organizadas a ponto de requerer o uso de forças de policial e ocuparem o noticiário de jornais brasileiros<sup>15</sup> e estrangeiros.

---

<sup>15</sup> Veja, por exemplo, os registros no jornal curitibano *Dezenove de Dezembro*, particularmente nos anos

Nada disto consta ou transparece nas memórias do Sr. Albert, senão uma versão idílica, contada e recontada por seus pais e assentada sobre o pano de fundo de impressões conscientes ou inconscientes que marcaram sua alma e a tornaram suas. Se bem que com nuances e dados tomados emprestados daqui e dali, influenciados pelo lugar ocupado por ele e sua família no quadro mais geral da história do lugar e também pela comparação inevitável com a experiência canadense quando ele sofre pelo frio intenso, o trabalho incessante, e a impossibilidade de alçar vôos mais altos, através do estudo e aquisição de uma profissão que lhe assegurasse outra ocupação e uma vida melhor.

### **A experiência inglesa**

Este é um trabalho que procura problematizar a questão da escrita da memória, suas implicações e ramificações. Mas, tendo essas memórias sido tomadas como fonte para a escrita da história, o que se segue é a narrativa de uma experiência que, ainda que baseada na construção e reconstrução de muitos, assenta-se sobre um pano de fundo ou contexto histórico cuja experiência migratória colocou face a face milhões de indivíduos e culturas. Trata-se enfim de uma experiência que nos permite ver intercaladas as dimensões macro e micro da história de um dado período, o século XIX, daí o seu valor.

A viagem para a Inglaterra durou seis semanas e correspondeu a mais uma maravilhosa aventura para Albert e seus irmãos. Sentiam-se felizes. O pai nascera em Yorkshire, mas todas as férias da Marinha passara em Londres, cidade natal de sua mãe Kathleen, onde moraram seus avós e onde seu avô praticara Medicina, até engajar-se na aventura brasileira. As crianças, embora procedentes das *hinterland* paranaenses, foram adaptando-se ao frio e à neve, e aos confortos, como água saída de torneiras e inúmeros empregados uniformizados que atendiam, suponho, a casa de sua avó paterna: cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, pagens aos quais era proibido dirigirem-se às crianças pelo primeiro nome; a ele tinham que chamar *Master* Albert.

A chegada do carteiro era saudada com grande alegria. Naqueles tempos em que o correio era um dos poucos meios de comunicação, significava muito a chegada de notícias de familiares e amigos. O fluxo era regular, fato que Albert não deixa de registrar, possivelmente porque no Assunguy eram muitas as queixas de extravio de

---

de 1872 a 1874.

cartas e remessas de pacotes que jamais atingiam seu destino, como pode ser constatado pelos registros preservados no Arquivo Público do Paraná.

Assim que a notícia do retorno de sua mãe à Inglaterra espalhou-se, eles passaram a receber visitas e convites continuamente. Por outro lado, sair de casa era ingressar no país das maravilhas: ruas apinhadas de gente, carruagens dos mais variados modelos, comércio, passeios no zoológico, teatro de pantomimas, shows circenses, tudo enchia os olhos e extasiava a alma.

Passado algum tempo, Albert e seus irmãos foram despachados de trem para Yorkshire, para a casa de uma irmã de seu pai, Agnes, casada com Tom Buston<sup>16</sup> descrito como um típico *English squire* (nobreza rural inglesa), que possuía uma imensa propriedade com uma mansão baronial chamada Tournham Hall, a poucas milhas de Selby, onde havia uma famosa Abadia.

Segundo Albert, conta a tradição que essa propriedade fora dada, juntamente com um baronato, por Ricardo “Coração de Leão” a um de seus cavaleiros que o acompanhara à Terra Santa (Terceira Cruzada) – Sir Edwin de Tournham -, responsável pela construção da primeira mansão, a que chamou de Tournham Hall.

Espalhada por imensa área, pela qual passava o rio Ouse, contava com vastos aposentos, jardins, estábulos, atendidos por um exército de empregados mantidos por seu tio, naturalmente um homem muito rico.

Desabitado a tanto luxo, conta que uma vez, durante um jantar, fez um comentário sobre algo que ouvira de um dos criados. Perguntado pelos tios quem lhe contara, respondeu “Aquele cavalheiro cheio de botões”. John, um jovem laçao que atendia à mesa, corou e retirou-se, após o que os presentes desataram à rir: Albert referira-se a um criado como “cavalheiro”, uma gafe terrível num ambiente que observava rigorosamente as regras de etiqueta. A mansão, naturalmente, contava com um piano, e muitas eram as noites em que as primas reuniam amigas para cantar ao som deste, exatamente como fazia a *boa sociedade* curitibana na década de 1880<sup>17</sup>.

Um outro momento marcante na memória do Sr. Albert foi a ocasião em que foram visitar, em Grosvenor Square, um tio, Dr. Little. Este médico, especialista em

---

<sup>16</sup> Penso que há um erro e o nome correto deve ser Burton, em virtude de registros feitos pela avó do Sr. Albert em seu diário no mesmo período.

<sup>17</sup> Conforme Diário de Caroline T. e notas nas colunas sociais dos jornais *Dezenove de Dezembro*, *Gazeta Paranaense* e outros .

pé-torto e um dos responsáveis pela criação do Hospital Ortopédico de Londres, tinha um filho que estudava Medicina e ofereceu-se para cuidar de Albert e de sua educação, dando-lhe também a oportunidade de tornar-se médico. Infelizmente, atesta, a decisão de seu pai de ir para o Canadá, impediu que isto acontecesse, o que o marcou sobremaneira, conforme a recorrência de comentários a este respeito em suas memórias.

Logo após esses eventos que, munidos de muita roupa apropriada aos rigorosos invernos canadenses, partiram para aquele país. A idéia era ir para Hamilton, Ontário, onde sua avó tinha amigos para os quais escrevera cartas apresentando o filho, e de lá seguiriam para a província de Manitoba, destino então buscado por centenas de europeus, inclusive ingleses.

No dia 19 de abril de 1881, um dia antes de Albert completar 7 anos de idade, eles tomaram um trem para Liverpool e, de lá, um vapor para o Canadá. Mais uma vez, conta, caminharam pela rampa, desta vez deixando a querida terra “que aprendera, a amar tanto”. Apesar de o Canadá ser colônia britânica, havia tristeza em seus corações ao pensar que tinham que partir porque aquele país não poderia garantir-lhes sustento. Conforme já dissera inúmeras vezes, repete que seu pai não tinha nenhuma profissão, nem treinamento para trabalhar em escritório, nem poderia obter trabalho mecânico porque não tinha jeito para isso.

Mas, Albert confessa que não conseguia evitar de pensar que, se o pai estava indo para o Canadá com a intenção de ter uma fazenda de frutas, por que ele não alugou uma fazenda na Inglaterra, uma vez que, pouco sabendo do ramo, tanto fazia um lugar quanto o outro.

### **A vida no Canadá**

Eles chegaram no Canadá em 1881 e, por seis anos moraram no Condado de Brandon, Manitoba, perto de Winnipeg. No ano de 1887, saíram de Brandon e foram para Melitta, um lugar perto de Deloraine, tudo no sudoeste do Canadá.

A vida em Manitoba era determinada pelo clima: um constante preparar-se para os dias de inverno cuja temperatura caía a abaixo de 40°. Mais que o clima, o ritmo era ditado pela sucessão de estações. Segundo Albert “o outono dava lugar ao inverno e este à primavera e assim sucessivamente. Vítima e prisioneiro do tempo, não havia como fugir dos dias e das horas (BECKET, 1984:9).

O trabalho na fazenda e a premência do clima, além do fato de não haverem crianças suficientes para justificar a construção de escolas, só permitiram que Albert começasse a estudar aos 10 anos de idade, no ano de 1884. A primeira escola foi construída em 1883 e inaugurada em 1884. Ele a frequentou por quatro anos, até 1887, quando seu pai decidiu mudar-se novamente, o que ele sempre condenou.

Ele adorava a escola e desejava que pudesse ter estudado mais, sempre lamentando não ter podido fazê-lo e com isso obter uma profissão. Ele sonhou em ser professor, ou que seu pai o tivesse deixado aos cuidados do Dr. Little – para tornar-se médico e, quem sabe, como ele, entrar na listagem do *Who's Who*<sup>18</sup>. Ele gostava muito de ler, e aproveitava para fazer isto nas noites de inverno. Pensou até que poderia, se estudasse, tornar-se repórter jornalístico. Para tanto, fez vir da Inglaterra um curso de taquigrafia por correspondência da *Pitman's Shorthand Literature*, e na primavera já conseguia escrever muito bem.

Por volta de 1889, um grande influxo de imigrantes trouxe mais colonos para a região onde eles moravam e, estando seus pais entre os desbravadores pioneiros, sua casa acabou transformando-se num local de parada, o que teve como consequência a adição de uma renda ao orçamento.

Enfim, outra vez estabelecidos e já podendo agradecer as bênçãos recebidas, compram um órgão, que sua mãe sabia tocar, promovendo assim as tradicionais noites inglesas de canto e música. Finalmente, um pouco de sociabilidade entre vizinhos e amigos, irlandeses, escoceses, ingleses, com suas filhas bonitas e seus jovens solteiros. Como havia bastante ingleses e escoceses na vizinhança, eles decidiram formar um clube de *cricket*, na propriedade de seus pais, onde jogavam partidas com times de Melita e Pierson e entretinham muitos visitantes.

Em 1892, aos 18 anos de idade, Albert tornou-se proprietário de terras, assumindo parte das terras de seu pai, mas, em 1895, embora as previsões fossem boas, uma torrencial chuva de granizo acabou com suas plantações. Esta foi a última gota! Oito anos de suas vidas desperdiçados, “desde sair de Brandon nós só tínhamos conseguido uma única colheita lucrativa”, diz Albert.

Eles decidiram, mais uma vez, partir para outro lugar onde ficassem menos à mercê dos imprevistos. Seu pai resolveu ir para WestHall, a 40 milhas dali, mas Albert

---

<sup>18</sup> *Quem é Quem*

tinha outros planos: voltar a estudar e quem sabem tornar-se professor, o que ele conseguiu por um tempo. Mas um dia, ao visitar seus pais, foram-lhe oferecidas terras a um preço muito baixo e ele não resistiu, rendendo-se ao destino e tornando-se, novamente, fazendeiro.

Em Elgin, as colheitas eram uniformemente boas e, por volta de 1905, excepcionalmente boas, o que o fez adquirir mais terra. Os tempos vão mudando, telefones foram instalados, havia uma escola onde, como faziam na Inglaterra, eram promovidos concertos e outras atividades sociais que ajudavam a passar o inverno, além de um clube de *cricket* onde eles jogavam sua partida semanal. Além disso, ele e uns vizinhos tinham quadras de tênis cada um em suas propriedades e promoviam muitas noites de entretenimento no verão.

Nas páginas finais de suas memórias ele conta que estabeleceu-se na British Columbia, onde casou-se. Dez anos depois, sua esposa morreu, deixando-o com três filhos pequenos, que acabaram sendo criados pelas avós.

Aí ele vai concluindo sua narrativa, explicando que não pretendia fazer uma biografia da sua família, mas uma exposição fiel das vidas de uma família pioneira nas pradarias canadenses, com o intuito de mostrar às futuras gerações o que essa experiência implica.

Ponderamos que, mesmo não intencionando escrever uma autobiografia, o Sr. Albert teve em mente fixar um sentido em sua vida e de sua família, e delas operar uma síntese. Fez isto selecionando uns acontecimentos e personagens, omitindo outros, mas orientado pela busca de uma significação, construída à medida que escreveu suas memórias (ALBERTI, 1991:77).

### **Conclusão: o valor da memória**

Guardião da memória familiar e coletiva até então, testemunha das transformações nos espaços ao longo de um tempo, o tempo de sua vida, o Sr. Albert decerto indagou: “que interesse podem ter esses elementos para as futuras gerações?” (BOSI, 19\_\_ :333). Mas, sendo suas lembranças um elemento essencial da identidade de sua família, salvou o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 1994:476-477). Escapou talvez à angústia proustiana pois foi-lhe concedido tempo para realizar

sua obra e ocupar-se em busca de um “tempo perdido”, tão vivo em suas emoções – lugar prolongado sem medida para abrigar suas lembranças (BECKET, 1986:8-9).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão da narrativa. In: **ESTUDOS HISTÓRICOS**. Rio de Janeiro: 1991, v.4, n.7, p. 66-81.

BECKET, Samuel. **Proust**. Porto Alegre, RS: L&PM, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 19\_\_

GILLIES, Ana Maria Rufino. **O Diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): memórias, trabalho e sociabilidades**. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

Imigração para o Brasil. Relatório sobre a colônia Assunguy, apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres 1875. Apresentação de Magnus Roberto de Mello Pereira. **MONUMENTA**, Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, v.1, n.1.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994, p. 423-477.

MARSHALL, Oliver. *English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth-Century Brazil*. England: Oxford: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford. 2005. p. 149-170, 289-294.

TAMPLIN, Caroline. **Diary** [November 1880-November 1882]. Inédito.

TIGAR, Albert Burton. **The Tigar Memoir**, 1951. Inédito.